

PERSPECTIVAS PARA O TRABALHO DE CONCEITOS GRAMATICAIS EM LÍNGUA PORTUGUESA

Louise Fernanda dos Santos Martini
Ingrid Sturm ¹

Resumo:

Este artigo propõe esclarecer e apresentar quais as contribuições do Método Montessoriano para o ensino de Língua Portuguesa das séries iniciais às finais do Ensino Fundamental. Trata-se de um método que, há mais de um século, já propunha uma educação na qual se valorizava muito mais a liberdade da criança do que os métodos ditos tradicionais, constituindo-se como uma educação libertadora, visando à formação de um indivíduo pensante e capaz de desenvolver sozinho sua aprendizagem e, assim, desempenhar sua autonomia. Esse método, cuja base filosófica é o positivismo, se constitui em uma metodologia que pode atender melhor ao desenvolvimento infantil, através da construção de materiais pedagógicos que auxiliam no crescimento do pensamento da criança.

Palavras-chave: Montessori. Ensino. Língua Portuguesa. Materiais pedagógicos.

Introdução

Neste trabalho proponho apresentar e formular discussões acerca do método criado por Maria Montessori² na área da linguagem. Tendo como justificativa o trabalho desenvolvido na Escola particular de Porto Alegre, onde trabalho, que a mais de 30 anos tem como base o Método Montessoriano no cotidiano de seus alunos e professores. Método este que ao longo desses anos obteve grande sucesso, tendo elevado índice de aprendizado e desta forma, também, mostrando que a escola desenvolve com plenitude seu Projeto Político Pedagógico.

Para que tal assunto seja desenvolvido, serão analisadas bibliografias referentes ao método e também serão apresentados materiais desenvolvidos por Montessori, assim como outros, confeccionados a partir de estudos realizados com base em seu método. Nesse sentido, defende-se a importância dessa metodologia para o ensino da língua Portuguesa, especialmente no que tange ao trabalho com os conceitos de “substantivo” e “verbo”.

Na educação básica vive-se um momento de grandes conflitos, pois se tem a convicção de que os alunos, de forma geral, veem a Língua Portuguesa como um grande mistério, para o qual não há solução, desta forma é perceptível que tenhamos uma grande defasagem no ensino de língua em nossa educação. As causas mais comuns são a metodologia adotada, que força o aluno

¹ Professora da 8ª. Edição do Curso de Especialização em Gramática e Ensino da Língua Portuguesa – UFRGS.

² Maria Montessori foi a primeira mulher na Itália a diplomar-se no curso de medicina. Após vários anos de pesquisa e muitas viagens ao exterior, consagrou-se a preparação de mestres para educação de crianças com deficiências mentais, preocupava-se muito mais com o pedagógico do que com o clínico. Inspirou-se nos trabalhos de Séguin e

Itard. Começou a trabalhar com crianças normais, mas aplicando sua teoria e estudos com crianças com problemas, atraindo assim muitos olhares críticos, porém a partir desse seu meio aperfeiçoou seus estudos e práticas chegando a criação da “Casa di Bambini” onde pode trabalhar com várias crianças e contribuir com o progresso dos “Métodos Pedagógicos”. Contudo seu método tinha por finalidade atender as expectativas da “Escola Nova”, onde o ideal era educar para a liberdade.

a memorizar todos os conceitos de forma abstrata, e a falta de incentivo à autonomia e ao pensamento crítico, resultando na falta de interesse dos alunos, em baixo rendimento, quando avaliado, e na apatia durante o período de aulas.

Quando os alunos são questionados do porquê de se comportarem dessa maneira em relação à Língua Portuguesa, a resposta é sempre a mesma, julgam ser uma disciplina difícil e que contém muitas regras que precisam ser memorizadas ao longo de seus anos escolares. Em resposta a isso, têm-se os altos níveis de reprovação e o “medo” diante dessa disciplina, o que causa frequentemente repulsa e bloqueio em relação ao seu aprendizado. É diante dessa problemática que o professor se coloca quando precisa buscar alternativas para o seu trabalho. Cabe ao professor repensar seu caminho e buscar outras formas para que o aluno possa perder esse “medo” e, assim, novas metodologias que possam fazer com que o aluno venha ao encontro do professor e juntos possam compartilhar aprendizados e descobertas.

Considerar a ideia de que as crianças são curiosas e gostam de desafios que as façam descobrir por elas mesmas algo novo pode nos levar a propor às crianças matérias pedagógicas manipuláveis, os quais as instiguem a descobrir novas realidades; a criança irá ver, tocar e depois de descobrir seu uso e onde esse material pode levá-la, descobrirá de forma concreta e visual tudo que mais tarde virá naturalmente de forma abstrata. Assim ela já terá internalizado o “conceito”, pois anteriormente ela teve a oportunidade de compreendê-lo de forma concreta, pelo contato com o material.

Para seguir essa análise e chegar a um ponto que concretize esse pensamento de que toda a criança é livre, curiosa e gosta de desafios, serão apresentadas a seguir algumas contribuições que o método desenvolvido por Maria Montessori trouxe à área de linguagens. Ela estudou ao longo de sua carreira o desenvolvimento da criança, para isso, criou um ambiente onde tivessem materiais manipuláveis e estimulantes de forma a fazer com que a criança desenvolvesse suas habilidades, alcançando assim seu potencial máximo. A falta de informações ou a incompreensão do método desenvolvido por Montessori, leva algumas pessoas a criarem rótulos errôneos sobre suas contribuições no campo da linguagem.

Então, com este artigo, pretende-se oportunizar o conhecimento desse método para que ele seja conhecido e, assim, possa ser um “caminho” para auxiliar o crescimento cognitivo dos alunos, especialmente pelos professores de Língua Portuguesa.

1 Condições do Ensino de Língua Portuguesa

A linguagem está presente no nosso cotidiano em nossas vidas, conhecê-la não é algo apenas de responsabilidade escolar, mas de todos. Ter conhecimento sobre a linguagem cabe a todos, pois, efetivando-se em sociedade, é o caminho que dá acesso ao aprimoramento das relações e a uma melhor compreensão de mundo. Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania.

Por este motivo que há bastante tempo discute-se exaustivamente o ensino de Língua Portuguesa – Linguagens –, entre estudiosos e professores. A principal discussão pode ser resumida na pergunta: “Por que falantes de língua materna têm tanta dificuldade com a língua em sua modalidade escrita?”. Essa aparente incoerência gera a questão: será que estamos fazendo nosso trabalho da forma correta ou será a hora de repensar o que estamos fazendo para reverter esse quadro? Cida Sepúlveda nos diz que:

(...) Uma das maiores dificuldades do professor para incorporar as teorias linguísticas que renovam a concepção de estudo da língua é de ordem didática. Tais teorias chegam à escolas, mas não solucionam os graves problemas detectados no ensino da língua. (SEPÚLVEDA, 2012, p11).

Grande parte dos professores de Língua Portuguesa pertence a uma tradição gramatical normativa que pouco se preocupa com mudanças nos métodos de ensino que, muitas vezes, são observadas como processos demorados e difíceis, como se pode ver em:

O professor, por sua vez, se posiciona como agente policiador da norma culta e, em conformidade com a GT, dá tratamento isolado às áreas de fonética / fonologia, morfologia e sintaxe, normalmente ministrando aulas expositivas de caráter teórico (DRESCH, 2010, p.10).

Porém, estamos vivendo em um tempo cada vez mais globalizado que pede mudanças imediatas, pois nossos alunos nada têm em comum com os de cinco anos atrás, e muito em breve, esses cinco anos se reduzirão a três ou menos; a educação pede mudanças mais rápidas. Nossos alunos têm acesso à informação de várias formas e para que o processo de aprendizado que ele tem na escola seja, por ele, apreciado devemos buscar novidades que sejam práticas e atrativas

para eles e também que explorem aspectos cognitivos de forma a estimular essa sua capacidade de aprender.

Nesse sentido, é cada vez mais importante que os professores de língua portuguesa repensem seus métodos e procurem através das pesquisas realizadas em linguística e em educação, novos caminhos para compartilhar novas visões daquilo que já foi exaustivamente estudado de forma tradicional. Ainda em Sepúlveda, encontramos:

Estudos sobre ensino de gramática em sala de aula mostram que, geralmente, o professor focaliza o ensino de novas nomenclaturas e a definição de novos objetivos linguísticos, não levando em conta aspectos da situação do aluno, como faixa etária, interesses e saberes, nem a falta de atividades didáticas que facilitem a aprendizagem (SEPÚLVEDA, 2012, p.13).

2 Uma perspectiva Montessoriana

A aquisição da linguagem pelas crianças ocorre em seu nascimento. Em torno do primeiro aniversário elas já aprenderam algumas palavras que estão associadas à família, ou seja, ao meio em que elas estão inseridas. A chamada “explosão do vocabulário” deve ocorrer a partir seu segundo aniversário. Nessa fase, a criança alcança um enriquecedor vocabulário, pois a facilidade e a rapidez em adquiri-lo aumentam significativamente. Gentner (1978) demonstrou experimentalmente que os substantivos constituem completamente (ou quase por completo) as primeiras cinquenta palavras infantis. O fato é intrigante, pois, apesar das crianças serem expostas indistintamente a verbos e substantivos desde a mais tenra infância, seu primeiro vocabulário é predominantemente nominal (GOLDIN-MEADOW, SELIGMAN e GELMAN, 1976; BATES, DALE e THAL, 1995, **apud** SNEDEKER et al, 2004).

Quando se analisa o desenvolvimento gramatical das crianças, cabe aqui considerar que, quanto à aquisição intelectual de conceitos, por exemplo, quando se fala em verbos e substantivos, a criança começa a apresentar dificuldades, pois são conceitos que possuem características distintas. Isto causa um obstáculo para a criança, pois, se faz necessária a abstração desses conceitos (embora já faça uso de significativo número de substantivos).

Em recentes estudos, a aquisição de *palavras* tem sido mais discutida, em termos de aprendizado de *conceitos*. Segundo Waxman (2004, p. 297), crianças adquirindo as diversas línguas do mundo começam seu aprendizado de palavras equipadas com a vasta expectativa de relacionar palavras e conceitos. Posteriormente, uma vez que o processo de aquisição lexical já

foi iniciado, será possível estabelecer relações mais depuradas entre formas gramaticais particulares e seus significados associados.

Sucintamente, o substantivo refere-se ao nome que se dá a algo ou a alguém¹:

Do ponto de vista funcional, o substantivo é a palavra que serve, *privativamente*, de núcleo do sujeito, do objeto direto, do objeto indireto e do agente da passiva. Toda a palavra de outra classe que desempenhe uma dessas funções equivalerá forçosamente a um substantivo (pronomes substantivos, numeral ou qualquer palavra substantiva) (CUNHA, 2001. p.177).

O verbo não tem, sintaticamente, uma função que lhe seja privativa, pois também o substantivo e o adjetivo podem ser os núcleos do predicado. Individualiza-se, no entanto, pela função obrigatória de predicado, a única que desempenha na estrutura oracional (CUNHA, 2001. p.379). Portanto, podemos dizer que o verbo possui um referente que não possui uma forma tão clara quanto à do substantivo, dessa forma sua aquisição ocorre de maneira mais gradual.

Assim, tem-se aqui uma pequena comprovação de que existe uma dificuldade quanto à aquisição de verbos e substantivos nos pequenos alunos, fazendo com que essa dificuldade se estenda até atingirem maior capacidade intelectual.

Snedeker e Fleitman (2004) lançam mão de uma posição parcialmente maturacional em que nomes e verbos ocorrem de maneira serial no curso do desenvolvimento da linguagem da criança como reflexo do fato de que conceitos do tipo objeto (nomes) emergem anteriormente a conceitos do tipo relacionais (verbos) na mente infantil. Sabemos que crianças mais jovens não têm a capacidade de interiorizar conceitos mais abstratos de forma que não conseguem expressar tal conceito. Tal fato é parcialmente maturacional já que no momento que a criança atinge um certo desenvolvimento cognitivo que a permita relacionar conceitos, estes não coincidem com a aquisição de verbos, sendo esta capacidade adquirida e observada mais tardiamente.

Waxman (2004) afirma que o estabelecimento de uma categoria nominal anterior às demais é ponto comum dentre as diversas teorias de aquisição da linguagem que convergem para a assunção de que o aprendiz precisa, primeiramente, identificar os nomes do *input* e mapeá-los a entidades do mundo para apenas posteriormente descobrir outras formas gramaticais e seus significados (p. 327).

Então, ressalta-se que a aquisição do nome vem antes de outras classes de palavras, mas não por ser mais simples, mas sim por esta subsidiar a aquisição das outras.

¹ Não serão consideradas neste trabalho outras abordagens, tal como a Gerativa, tendo em vista que a abordagem mais utilizada no ensino de Língua Portuguesa é a GT e a GF.

Segundo o historiador Cambi (1999, p. 475), as doutrinas de Montessori “tiveram mais influência no exterior do que na Itália, onde encontraram forte resistência, em consequência da hegemonia idealista na cultura filosófica e pedagógica”. Contrapondo-se a esse idealismo, tinha-se o positivismo de suas ideias. Os estudos de Montessori sobre a natureza da criança é que dá origem ao seu método, o qual é explicado através de Cambi:

Dá ênfase, em particular, às atividades senso-motoras da criança, que devem ser desenvolvidas seja por meio de “exercícios da vida prática” (vestir-se, lavar-se, comer etc.) seja por meio de um material didático cientificamente organizado (encaixes sólidos, blocos geométricos, materiais de linguagem, senso cromáticos, etc.) (CAMBI, 1999, p. 531).

Cabe ao professor ajudar a criança a desenvolver sua capacidade interior de forma livre e segura, pois a criança é quem deve ser responsável por sua própria educação. A educação montessoriana tem por principal objetivo formar o espírito infantil. Maria Montessori nos deixou sua opinião sobre o que seria a escola verdadeira:

(...) não é a de quatro paredes, entre as quais as crianças são confinadas, mas a de uma casa onde possam viver em liberdade para aprender e crescer. Essa ideia implica a necessidade de preparar para as crianças um mundo seu, particular, onde elas possam encontrar atividades condizentes com seu desenvolvimento físico e mental. Numa escola montessoriana, o professor é um convidado, ou alguém que tenha em mente estar a serviço de seus alunos (MONTESSORI, 1961, p.17).

A inspiração das primeiras obras de Montessori ancora-se nos princípios dogmáticos do pensamento positivista, como afirma Cambi (1999, p.475). Porém, mesmo com isso, de forma contraditória ao positivismo, Montessori defende a auto formação da criança, como podemos confirmar através do seguinte comentário de Cambi:

Nas “Casas das Crianças” a criança não é guardada ou educada, mas preparada para um livre crescimento moral e intelectual, através do uso de um material científico especialmente construído e a ação das professoras que estimulam e acompanham o ordenamento infantil e o crescimento da criança, sem proposições ou noções, antes favorecendo o desenvolvimento no jogo, por meio do jogo (CAMBI, 1999, p.496).

As Casas das Crianças eram ambientes criados especialmente para atender a estas crianças de forma que pudesse trazer a elas um lugar adaptado e desenvolvido também por elas, já que esses locais poderiam ser readaptados por elas próprias, de acordo com suas necessidades diárias, desenvolvendo-se nelas seu senso de responsabilidade.

Nesse local tudo era adaptado às crianças: os armários, mesas, cadeiras e também, da mesma forma, as cores a arquitetura e também os sons. Esperava-se dessas crianças que mostrassem, ali, naquele ambiente, que poderiam usufruir dele como seres responsáveis e que também participariam do trabalho criador, como das tarefas necessárias para seu funcionamento,

dessa forma mostrariam que já estavam prontas a subir uma “escala” simbólica que conduziria à realização, é o que se pode ver no relato que se segue:

As crianças aprendiam por si mesmas, que liberdade e disciplina andavam juntas e que uma não poderia ser adquirida sem a outra, então, vista por este prisma, percebia-se que a disciplina não era algo imposto pelo exterior, mas sim um desafio que se devia ultrapassar para se digno de conquistar a liberdade. Como nos descreve Montessori: “Nós chamamos de disciplinado o indivíduo que é senhor de si, que pode, conseqüentemente, dispor de si mesmo ou seguir uma regra de vida” (MONTESSORI, 1969, p.57).

No que diz respeito à ideia central da autodeterminação, na qual a liberdade só é possível se nos submetemos às leis que descobrimos e adotamos (o que Rousseau chamava de “vontade geral”), não foi explicitamente formulada em suas obras. A filosofia italiana da época era certamente dominada pelo positivismo, porém as tendências idealistas e kantianas eram bem representadas por Benedetto Croce, Alessandro Chiapelli e Bernardino Varisco, mas cabe aqui ressaltar que fosse pouco provável que Montessori tenha estudado a fundo esses filósofos. No entanto isso não a impediu de fazer suas crianças participarem da disposição do ambiente, das regras e princípios que faziam parte do funcionamento da casa, fazendo assim justiça à ideia de autonomia moral.

Maria Montessori conseguiu ir além, assumindo sistematicamente as implicações lógicas dessas ideias, fazendo uso delas em situações cotidianas, momentos esses, muitas vezes, negligenciadas pelos educadores. Esses eram chamados de “exercícios de vida prática”, nomenclatura essa dada em uma das primeiras conferências realizadas por ela na França. Também eram realizados exercícios de exatidão, repetição e paciência, todos com a finalidade de reforçar a concentração. Era de suma importância que esses exercícios fossem feitos dessa forma para que houvesse a fixação e a compreensão, e de forma a serem vistos como uma “tarefa” real e verdadeira e não como simples jogos ou passatempos. Todos eram complementados por uma prática de mobilidade e meditação, marcando assim, a passagem da educação “interna” para a “externa”, conforme:

O pivô de tal construção da personalidade foi o trabalho livre, correspondente às necessidades naturais da vida interior, por conseguinte, o trabalho intelectual livre prova que ele é a base da disciplina interior. A maior conquista das “Casas das Crianças” era a de obter crianças disciplinadas (MONTESSORI, 1976, p.107).

Montessori não trabalhou somente em estudos sobre a natureza infantil, mas desenvolveu algumas reflexões sobre o ambiente em que a criança é inserida e a concepção da

mente infantil como vemos na obra *Mente absorvente*, na qual mostra o início da liberação infantil sobre o universo opressor adulto, contudo nos lembra Cambi (1999, p.532):“A criança deve desenvolver livremente suas próprias atividades para amadurecer suas próprias capacidades de atingir o comportamento responsável, mas tal liberdade para Montessori, não deve ser confundida com o espontaneísmo”.

2.1 Teoria Montessoriana

Maria Montessori iniciou seu trabalho em Roma, na *Casa dei Bambini*, dando uma nova perspectiva sobre a criança e a educação. Nesta época, as crianças não tinham valor algum para a sociedade, a educação era feita de forma rígida. O pensamento da época era o de que quanto mais castigo e severidade houvesse, mais a criança iria aprender. É neste meio que surgem os estudos de Maria Montessori.

Para Montessori, a criança deve ser *explorada* ao máximo, pois possui poderes desconhecidos e um dom intelectual natural, e é na primeira infância que essa intelectualidade desabrocha: “os dois primeiros anos de vida abrem um novo horizonte, revelam leis de construção psíquicas até agora mantidas ignoradas” (MONTESSORI, s.d. p. 09). A estudiosa também considera a capacidade da fala “uma grande conquista intelectual”. (MONTESSORI, s.d. p. 09).

A criança é capaz de usar uma língua sem ninguém ter lhe ensinado, ela pronuncia palavras, faz uso de sentenças contendo substantivos, verbos, adjetivos, etc... Nesse período que o homem faz uso da língua com total perfeição sem que nenhum professor lhe tenha ensinado. Porém, após ter crescido, ao aprender uma segunda língua, tendo a ajuda dos melhores professores, isso não terá o mesmo êxito da fala adquirida na infância.

(...) não se trata apenas, para a criança, de reconhecer o que está em torno de nós ou de compreender e adaptar-se ao nosso ambiente, mas, outrossim, num período em que ninguém pode ser seu professor, de formar o complexo daquilo que serão a nossa inteligência e o esboço do nosso sentimento religioso, dos nossos particulares sentimentos nacionais e sociais. É como se a natureza tivesse salvaguardando cada criança da influência da inteligência humana, para dar a precedência ao professor íntimo que a inspira (MONTESSORI, s.d, p. 10).

As crianças ingressavam nas primeiras escolas, criadas por ela, a partir do três anos de idade, vindas de famílias humildes e de pais, em sua maioria, analfabetos. Porém, aos cinco anos, já sabiam ler e escrever, sem que ninguém tivesse ensinado a elas, diretamente. Logo, através de várias observações e ensaios, Montessori conclui que “todas as crianças possuem instintivamente a capacidade de ‘dissolver’ a cultura” (MONTESSORI, s.d. p.11). A criança, para a estudiosa,

“absorve” a fala e a escrita dessa forma, então concluiu, que o mesmo poderia ocorrer com outras aprendizagens:

(...) a educação não é aquilo que o professor dá, mas é um processo natural que se desenvolve espontaneamente no indivíduo humano; que não se adquire ouvindo palavras, mas em virtude de experiências efetuadas no ambiente. A atribuição do professor não é a de falar, mas preparar e dispor uma série de motivos de atividade cultural num ambiente expressamente preparado (MONTESSORI, s.d, p.11).

Todo o trabalho de Montessori foi fundamentado através da observação e que foi fundamentado em uma única ideia: a liberdade de expressão pela qual a criança revela suas qualidades e necessidades. Sendo assim, ela começou a pensar que a criança necessita primeiramente de um ambiente adequado.

(...) em primeiro lugar, pense-se em criar um ambiente adequado, onde a criança possa agir tendo em vista uma série de interessantes objetivos, canalizando, assim, dentro da ordem, sua irreprimível atividade, para o próprio aperfeiçoamento (MONTESSORI, 1965, p.58).

Para a pesquisadora o professor estabelece um papel muito importante no processo de aprendizagem, porém de forma diferente, da dita tradicional. Ela esclarece que:

(...) o que vimos é uma radical transferência da atividade que antes existia na mestra, e que agora é confiada, em sua maior parte, à memória da criança. A educação é compartilhada pela mestra e pelo ambiente. A antiga mestra ‘instrutora’ é substituída por todo um conjunto, muito mais complexo; isto é, muitos objetos (os meios de desenvolvimento) coexistem com a mestra e cooperam para a educação da criança (MONTESSORI, 1965, p.143).

Já que, segundo ela, a criança possui uma inteligência diferente da do adulto.

A criança vai, assim a pouco e pouco, formando sua própria ‘massa encefálica’, servindo-se de tudo que a rodeia. Esta forma de espírito é comumente denominada ‘espírito absorvente’. É difícil imaginar o poder de absorção do espírito da criança. Tudo que a rodeia penetra nela: costumes, hábitos, religião. Ela aprende um idioma com todas as perfeições ou deficiências que encontra ao redor de si, sem mesmo ir à escola (MONTESSORI, 1965, p.58).

É de suma importância que o professor tenha total conhecimento sobre os materiais utilizados em aula e conheça todas as suas técnicas e meios de uso, para que assim possa orientar melhor a criança. De acordo com Montessori, tudo que é ensinado à criança deve ter ligações com a vida.

Montessori afirma que todos os materiais sensoriais, desenvolvidos por ela, após serem apresentados pela professora a seus alunos, de acordo com a idade, devem ficar expostos na sala de aula, de maneira que o aluno possa vê-los e manuseá-los de acordo com sua vontade. Assim, se estão querendo estudar matemática, dirigem-se a estante de materiais de matemática e

trabalham com aqueles materiais, o mesmo ocorre quando querem aprender linguagens pois “a atividade da criança há de ser impulsionada pelo seu próprio eu, e não pela vontade da maestra.” (MONTESSORI, 1965, P.97).

O método se baseia em três princípios básicos: atividade, individualidade e liberdade; a criança deve estar inserida em um ambiente em que ela se sinta a vontade, para isso a escola deve propiciar uma sala de aula (ambiente) organizada, adaptada onde a criança se sinta livre. A disciplina virá com a própria criança, pois ela mesma se organizará de maneira a trazer a disciplina para sua rotina diária de trabalho, já que o ambiente lhe mostra que organização e disciplina caminham juntas e que uma precisa da outra para funcionar bem.

Para que haja uma maior compreensão sobre o método, o site ABEC (Associação Brasileira de Educação e Cultura) disponibiliza o quadro abaixo, onde constam comparações entre a metodologia tradicional e a montessoriana.

Quadro 1: Comparando os métodos Montessoriano e Tradicional.

MÉTODO MONTESSORIANO	MÉTODO TRADICIONAL
Enfatiza as estruturas cognitivas e o desenvolvimento social.	Enfatiza o conhecimento memorizado e o desenvolvimento intelectual.
O aluno participa ativamente no processo ensino aprendizagem. A mestra e o aluno interagem igualmente	O aluno participa passivamente no processo de aprendizagem. A mestra desempenha um papel dominante em sala.
Encoraja a autodisciplina.	A principal força atuante na disciplina é a mestra.
O ensino se adapta ao estilo de aprendizagem de cada aluno.	O ensino em grupo é de acordo com o estilo de ensino para adultos.
Os alunos são motivados a colaborar e se ajudar mutuamente	Não se motiva a colaboração.
A criança pode escolher seu trabalho ou atividade de acordo com seu interesse.	A estrutura curricular é feita com pouco enfoque nos interesses das crianças.
A partir do material selecionado, a criança é capaz de formular seu próprio conceito (autodidata).	O conceito é entregue diretamente à criança pela mestra.
A criança trabalha de acordo com seu tempo.	É estipulado um limite de tempo à criança para a realização de seu trabalho.

É respeitada a velocidade de cada criança para aprender e fazer sua a informação adquirida.	O passo da introdução é ditado pela maioria da turma ou pela professora.
Permite à criança descobrir seus erros através da retroalimentação do material.	Os erros são corrigidos e assinalados pela professora.
Através da repetição das atividades, é reforçada internamente a aprendizagem, e o aluno pode desfrutar do resultado de seu trabalho.	A aprendizagem é reforçada externamente através da memorização, repetição, recompensa ou desalento.
O material multissensorial permite exploração física e ensino conceitual através da manipulação concreta.	Possui poucos materiais sensoriais e ensino conceitual, na maioria das vezes, abstrato.
A criança tem liberdade para trabalhar, pode mover-se pela sala, e ficar onde se sentir mais confortável, pode conversar com os colegas, mas com cuidado para não atrapalhar os demais.	A criança na maioria das vezes fica sentada em sua cadeira, e deve ficar quieta.
Os pais participam de um programa com a função de explicar a filosofia Montessori e participar no processo de aprendizagem de seus filhos.	Os pais se reúnem voluntariamente e em geral não participam no processo de aprendizagem de seus filhos.

Fonte: (ABEC, s.d)

Mesmo não sendo muito conhecido o método Montessoriano já vem sendo adotado em várias escolas no Brasil e principalmente no exterior, já que sua metodologia tem como trazer o concreto para a vida real da criança e fazer com que ela interiorize conceitos e faça com que eles façam parte de seu cotidiano. Desta forma a aprendizagem se torna mais fácil e eficaz.

2.2 Trabalhando os conceitos de substantivo e verbo.

Conceitos como o de *substantivo* e *verbo* são trabalhados pelo método e desenvolvidos de forma a facilitar sua interiorização. O trabalho se inicia de forma concreta e logo após sua absorção o aluno inicia um processo natural de abstração. Esse Método auxiliaria um maior número de alunos que tem dificuldades em separar esses dois conceitos e em transportá-los de sua forma concreta para a abstração.

2.2.1 A Linha: seus objetivos e funções

Na metodologia desenvolvida por Montessori, a *Linha*² tem objetivos específicos e muito importantes, pois é através dela que o aluno vai entender quando ouvir e quando falar, e o mais importante é que vai ser através dela que ele vai adquirir o conhecimento novo. Em uma rápida sequência se pode dizer que a *Linha* desenvolve-se da seguinte forma:

Primeiro: disciplina. Ela não deve nunca ser vista como castigo, mas sim como o lugar onde se tem alguém a quem se deve obedecer, e não porque aquela autoridade está ali simplesmente para comandar alguém. Mas sim porque ela se põe naquela posição, pois quer

² Foto anexo figura1

comandar alguém que quer crescer e aprender coisas novas. A criança aprende que se seguir o comando desta pessoa ela aprende a se comandar sozinha.

Segundo: aquisição da capacidade de interiorização do real. Quando a criança obedece aos comandos do professor, ela é capaz de pensar e agir por si mesma, a tocar coisas reais e a entender o meio em que ela está partindo do seu próprio corpo.

Terceiro: coordenação e equilíbrio nervo motor. Quando a criança executa exercícios na Linha ela acaba por desenvolver controle sob seu corpo, ela estabelece um ritmo sob aquilo que está desenvolvendo. Por exemplo: se colocarmos uma criança inquieta, instável, cujo ritmo e aparelho motor se desenvolve diferente ou sem qualquer correlação com o pensamento e a vontade dela, exercícios na Linha onde ela pode andar devagar, calmo, apressado, celerado, etc... Que são desempenhados com a ajuda da professora, cria na criança o seu ritmo próprio, de forma ordeira e mais concisa, já que ela passa a se conhecer e conhecer os movimentos que pode desempenhar.

Quarto: possibilidade de conhecimento da personalidade do educando. Com as atividades motoras e sensoriais desenvolvidas na Linha, o professor tem a capacidade de conhecer as potencialidades de cada aluno, suas deficiências, dificuldades, o que proporcionará um trabalho mais específico e preciso.

2.2. Aplicando a metodologia

Como já foi dito anteriormente, a educadora Maria Montessori desenvolveu um método que objetivava despertar, com o sistema e materiais didáticos, um interesse espontâneo na criança, obtendo uma concentração natural nas tarefas. A pedagogia que Montessori desenvolveu é científica, a qual proveio da observação e da experimentação, fundada nos princípios biopsicológicos do desenvolvimento humano, os quais Montessori conhecia bem devido à sua formação médica.

Essa formação, junto com seu entendimento do método científico e sua opção em favor do ambiente como fator crucial no desenvolvimento do organismo, foram fatores cruciais que auxiliaram na construção de sua teoria educacional, os quais atribuíram novos papéis tanto ao professor quanto ao aluno. Os materiais didáticos desenvolvidos através de seu método tinham objetivos simples, porém chamavam a atenção visual e tátil dos alunos. Um dos primeiros materiais feitos por ela foram as letras móveis³ (de madeira), esse material era manuseado e

³ Ver Figura 1 nos anexos.

utilizado pelas crianças que utilizavam seu tato para contornar suas formas e “sentir” o desenho de cada letra, desta forma conseguiam familiarizar-se com cada uma delas e através dessa familiarização conseguiam construir palavras e posteriormente frases.

Quanto a esta aquisição da linguagem, (Montessori, p. 30) nos fala que o ato de escrever uma palavra, pela criança, apresenta inicialmente dificuldades motoras, pois sustentar um mecanismo para escrita e manuseá-lo com leveza e rapidez não é algo fácil para ela; outro fato é produzir a forma de cada letra, levar a mão de maneira a reproduzir algo com forma de uma letra para assim chegar a uma palavra. Sendo assim, compreende-se a importância da introdução deste primeiro material na vida escolar, porque ele ajuda a criança a construir o conceito de “letra” e logo desenvolver a criação de pequenas palavras e desta forma, através de pequenas construções, chegar ao conceito de frases.

Como materiais para o desenvolvimento da linguagem, desenvolvidos por ela temos aqueles apresentados nos parágrafos anteriores e os que se seguem:

Letras de lixa: constitui em um material feito de placas de madeira com letras cursivas desenhadas com lixa, onde a criança inicia seu contato através do tato e desta forma “desenhando” sobre ele a forma de cada letra. Conforme explica Montessori (1965), os fatores mecânicos da escrita vão se desenvolvendo através do exercício do tato, que fixa, “ao mesmo tempo, a memória motora e a memória visual da letra em questão” (MONTESSORI, 1965,p.195).

*Alfabeto móvel*⁴ este material é de suma importância para o aluno em fase de alfabetização, pois ele apresenta a forma de cada letra e tem o tamanho necessário para que ele “escreva” palavras e também formule frases, pois se trata de um material pequeno e de fácil manuseio. Com ele a criança desenvolve a memória visual e também a escrita, pois após seu uso ela copia o que formulou em seu caderno.

*Símbolos Morfológicos*⁵este sem dúvida foi um dos melhores materiais criados por Maria Montessori. Ele é apresentado à criança assim que ela tenha iniciado uma nova parte da construção de conceitos, intuindo a função e a posição do artigo, substantivo, adjetivo e verbo.

A apresentação começa com a professora e as crianças na Linha. Ela mostra que esse material é a “Família do Nome” e que nele temos todos os símbolos gramaticais (no início não se

⁴ Ver Figura 2 nos anexos.

⁵ Ver Figura 3 nos anexos.

fala em simbologia morfológica, pois o uso de nomenclaturas ainda não é adquirido pelas crianças, mas já se apresenta a ela os símbolos e pequenos conceitos).

O material se constitui em uma *bandeja contendo símbolos tridimensionais*⁶, uma *caixa de madeira com símbolos móveis*⁷ (em madeira) e pequenas frases e orações. A primeira apresentação consiste em apresentar a “Família do Nome”, a professora mostra uma frase às crianças e a partir dela apresenta os símbolos de cada parte desta frase. Ela apresenta em uma pequena frase o substantivo que representa todos os “nomes” e tem a forma de um grande triângulo preto, o artigo o qual é mostrado como aquilo que acompanha o “nome” e tem a forma de um pequeno triângulo azul celeste e por fim o adjetivo que é mostrado como a “qualidade” dada ao “nome”, que tem a forma de um pequeno triângulo azul. As crianças começam a partir desta pequena “família” a analisar pequenas frases e a intuir esses três conceitos. Logo após um tempo, quando o aluno já adquiriu bem esses conceitos é apresentado a ele o verbo. Este vem com a forma de uma esfera vermelha, cor esta escolhida por Montessori, pois é vibrante e viva e sua forma mostra à criança a mobilidade do verbo, mostra que ele pode “circular” na oração. Montessori criou uma tabela de morfologia, com cores, formas e conceitos. Todos esses conceitos auxiliam o professor, pois estes são apresentados na tenra idade e desenvolvidos ao decorrer dos anos. A criança aprende de forma “leve” e coloca aquela simples, porém de fundo conceitual forte, metodologia em sua vida e consegue com a ajuda deste material desenvolver seus conceitos e assim colocá-los em sua vida.

Para o Método Montessori o material é um elemento que carrega uma proposta: a de fazer reflexão a partir do seu uso. A criança tem que pensar para usá-lo, para conquistá-lo. Segundo Montessori “o material é o mestre que não se cansa: objetivo e explícito, um revisor que não traumatiza e sim encoraja porque tem por função o aprender e não o julgar.” (**apud** ALMEIDA, 2005, p.169).

O material didático desempenha papel de primeira importância nas classes montessorianas. De acordo com Bózio (2004), através desses materiais é possível atrair a inteligência da criança para coisas e fenômenos, além disso, a apresentação do material pode ser individual sem a necessidade de uma lição verbal. Deve ser apresentado lentamente, com clareza

⁶ Ver Figura 4 nos anexos.

⁷ Ver Figura 6 nos anexos.

a fim de que a criança possa sozinha, perceber o movimento e executá-lo corretamente por todo tempo que queira.

O que se faz necessário lembrar aqui, a importância que professores de todos os anos procurem saber mais sobre este método e seus recursos, já que se viu neste trabalho a importante colaboração para o ensino de linguagem. O professor deve sempre buscar meios para que seu trabalho seja desenvolvido da melhor forma e os estudos de Maria Montessori nos mostram que materiais simples e didáticos, podem contribuir para a aquisição de conceitos que muitas vezes são considerados difíceis e complicados por nossos alunos.

Considerações finais

Através desta pesquisa, buscou-se realizar um estudo bibliográfico, coletando dados que permitissem investigar a importância e as contribuições do Método Montessori no ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa. Para que essa tarefa tivesse êxito, tomou-se por base objetos que tornassem possível o aprofundamento das questões que baseiam o método e de como aplicá-lo e também discutir os principais aspectos do ensino de Língua Portuguesa a partir das séries iniciais, quando estes forem baseados no Método proposto, dando ênfase às características dos recursos utilizados e, desta forma, compreender melhor os materiais didáticos de linguagem que foram desenvolvidos nessa perspectiva.

Foram apresentados vários autores que se propuseram a estudar o método e também a colocá-lo em prática, bem como os próprios escritos de Maria Montessori. Dessa forma pode-se verificar que este método está também inspirado no humanismo integral, o qual diz que os seres são únicos e capazes de atuar de forma livre no ambiente que são inseridos, tendo plena capacidade de fazer escolhas e desenvolver suas descobertas de forma a utilizar-se delas plena e enriquecedoramente, mostrando inteligência e dignidade. Tal fato é comprovado por Maria Montessori no momento em que ela mostra em sua proposta de ensino que a criança é um ser único e capaz de aprender fazendo.

O método Montessori tem por objetivo uma educação para vida, pois Montessori nos revela uma nova forma de educar, na qual a criança pode perceber seu lugar no mundo e, desta forma, aprendendo a valorizar e respeitar a vida e sua cultura, agindo de forma responsável na sociedade. Este difere dos métodos tradicionais já que a educação é/era conduzida de forma diretiva, em que o mestre é o único responsável pela educação de seus alunos.

Maria Montessori nos ensina que a educação de cada criança se desenvolve no cotidiano, nas atividades com os chamados “exercícios da vida prática” os quais conduzem a uma ordenação dos movimentos e sua autonomia. Por esse motivo o ambiente se torna tão importante no aprendizado, pois é ele que norteia os alunos a desenvolverem-se de forma inteligente, de maneira lúdica, o que é essencial para seu desenvolvimento cognitivo.

Retomando a questão principal, que são as contribuições deste Método para o ensino de Língua Portuguesa, reconhece-se o quanto se valida o ensino de linguagem quando a criança/aluno tem como instrumento de partida, para sua aprendizagem, o real, ou seja, os materiais pedagógicos desenvolvidos para auxiliar o professor. Podem-se destacar as seguintes ordens:

a) *Materiais e Métodos*: o aluno inicia a partir de suas experiências para iniciar seu trabalho ou para desenvolver um conhecimento e não do que o professor lhe impõe. Os materiais nesse momento são primordiais, pois é através dele que o aluno cria situações e neste momento que uma série de acontecimentos, que propiciam seu saber são adquiridos. Cabe aqui ressaltar que o Método tem por finalidade desenvolver a totalidade da personalidade do ser e não somente sua capacidade cognitiva. A aprendizagem não ocorre de forma mecânica, mas pela reelaboração do pensamento.

b) *Perfil do professor*: este tem antes de tudo, de ser um observador, que pode questionar, mas que sempre se deixa ser questionado, ele é um mediador. É ele o responsável pela ordem e pela formação da autodisciplina que ajuda a criança a conquistar sua liberdade e independência e assim chegar a sua autonomia.

c) *Perfil do aluno*: é mais observador e crítico, sabe se posicionar frente a situações com muito mais maturidade de naturalidade, sabe questionar quando encontra dúvidas e sempre opta pela segurança. Tem a personalidade segura, equilibrada, independente, mas tudo com muita responsabilidade.

d) *Ambiente*: toda a infraestrutura escolar deve ser de livre acesso aos alunos, iniciando por sua sala, que deve conter várias matérias sensoriais que o auxiliem a chegar ao conhecimento que ele busca naquele momento, como: ciências, linguagens, matemática e vida prática. Cabe aqui ressaltar que o método em questão trouxe uma forma mais leve e didática para construir conceitos com os alunos, já que apresenta uma classe morfológica contemplada por uma

simbologia prática que é de fácil compreensão pelos alunos, pois estes associam as formas, cores e conceitos a sua vida cotidiana, partindo sempre do concreto para o abstrato.

Se todos os professores de Língua Portuguesa pudessem ter contato com este método em sua formação, o ensino de linguagem não teria tantos problemas como os que enfrentamos hoje, já que é complicado para o aluno apoderar-se de conceitos prontos que vem de metodologias antiquadas e sem qualquer funcionalidade.

Sendo assim, se espera, com este estudo, ter contribuído para a compreensão das dificuldades sentidas pelos professores e pelos alunos, ajudando assim os professores de Língua Portuguesa a tentarem inovar na hora de construir ideias que possam contribuir no desenvolvimento de seu trabalho junto aos alunos e também quanto ao desenvolvimento do pensamento crítico e intelectual destes, já que, sabemos que o método vai além dos conteúdos e prepara para a vida e esta é a filosofia em questão. Além disso, este método é pouco divulgado e trabalhado nos cursos e Licenciaturas, em geral, principalmente no curso de Letras.

Referências

ALMEIDA, T. **Maria Montessori: uma história no tempo e no espaço.** Rio de Janeiro: Orape, 2005.

BÓZIO, E. R. **Software de Treinamento e de Divulgação do Método Montessori,** 2004.

CUNHA, L. A. **Educação, estado e democracia no Brasil.** São Paulo: Cortez; Niterói/RJ: Editora da Universidade Federal Fluminense; Brasília/DF: Flacso do Brasil, 2001.

CUNHA, C. **Nova gramática do português contemporâneo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DRESCH, M. “**O currículo da disciplina de língua portuguesa na escola: a questão da gramática**”. In: **SIMPÓSIO MUNDIAL DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2,** 2010, Évora. Universidade de Évora. p 111-130, 2010.

FRANCO, C. **História da Pedagogia.** São Paulo. UNESP. 1999.

FRANCO, D.; ANSELONI, V. **A nova geração: a visão espírita sobre crianças índigo e cristal.** Salvador: Livraria Espírita Alvorada, 2007.

GENTNER, D. On relational meaning. The acquisition of verb meaning. *Child development* 49, 988-998, 1978.

KLEIMAN, A. SEPULVEDA, C. **Oficina de Gramática: metalinguagem para Principiantes.** São Paulo. 2012.

MARAN, Júlio. **Montessori: Uma educação para a vida.** São Paulo: Loyola, 1977.

MARIA Montesoria. Disponível em www.conteudoescola.com.br

Acessado em janeiro e março, 2014 / 2015.

MARIA Montesoria. Disponível em <http://larmontessori.com>

Acessado em janeiro e março, 2015.

MARIA Montesoria. Disponível em <http://lapappadolce.net>

Acesso em fevereiro, 2015.

MONTESSORI, Maria. **Ideas Generales sobre mi método.** Trad. Centro de Estudios Montessori – Chile; Original editado por: Editorial Losada S.A. Buenos Aires, 1957. (Tradução Louise Martini)

MONTESSORI, Maria. **Mente absorvente.** Rio de Janeiro: Portugália Editora (Brasil), s.d.

MONTESSORI, Maria. **Pedagogia científica.** Trad. Aury Brunetti. São Paulo: Flamboyant, 1965

RÖHRS, Hermann. **Maria Montessori / Hermann Röhrs;** tradução: Danilo Di Manno de Almeida, Maria Leila Alves. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Editora Massangana, 2010.

SNEDEKER, J.; GLEITMAN, L. **Why it is hard to label our concepts.** In: HALL, G. & S, 2004.

WAXMAN, S. **Everything had a name, and each name gave birth to a new thought: links between early word learning and conceptual organization.** In: HALL, G. & S, 2004. (Tradução Louise Martini)

WAXMAN (eds.) **Weaving a lexicon.** Bradford Books, 295-335, 2004. (Tradução Louise Martini)

Anexos

Figura 1 A Linha



Figura 2 Letras móveis



Figura 3 Letras de lixa



Figura 4 alfabeto móvel



Figura 5 símbolos morfológicos

MORFOLOGIA Classes Gramaticais		
Substantivo	nomeia	▲
Adjetivo	qualifica	▲
Artigo	determina	▲
Pronome	substitui ou acompanha	▲
Numeral	quantifica	▲
Verbo	indica ação, estado ou fenômeno	●
Advérbio	modifica	●
Preposição	liga	☾
Conjunção	liga	—
Interjeição	exprime	🗝

Figura 6 bandeja de símbolos morfológicos tridimensionais



Figura 7 caixa de símbolos morfológicos móveis

